



ERNESTO RODRIGUES (Torre de Dona Chama, 1956), poeta, ficcionista, cronista, crítico, ensaísta e tradutor de húngaro, é professor na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde dirige o Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, e membro do Conselho Geral do Instituto Politécnico de Bragança. Estreou-se na poesia em 1973 – último título, *Do Movimento Operário e Outras Viagens* (2013) – e na ficção em 1980, com *Várias Bulhas e Algumas Vítimas*, novela reeditada em *A Flor e a Morte* (1983). Romances: *A Serpente de Bronze*, 1989; *Torre de Dona Chama*, 1994, 2018; *O Romance do Gramático*, 2011; *A Casa de Bragança*, 2013; *Passos Perdidos*, 2014; *Uma Bondade Perfeita*, 2016.

978-989-616-841-4

romance gradiva  
174

**R**egressado a Budapeste e ao convívio com um velho professor universitário, vê-se o herói em busca do passado – *imprevisível*. O que sabemos da vida que julgamos ter vivido, se nem sempre assistimos às consequências dos nossos actos? Conhecemos quem está ao nosso lado? Não será cada passo condicionado por outrem?

Sujeito renascendo entre dois mundos – Hungria e Moçambique –, cujas feridas saram em encontros felizes, são também os perigos de hoje (violência, arbítrio, tráfico de crianças...) crua e subtilmente desvelados, nesta terra de verdade que é a ficção.

Memória de tempos, personagens e lugares sobre o Danúbio do antigo leitor de Português na Universidade de Budapeste (1981-1986) – quando aí vicejava um doce «sono comunista» procurando diluir os acontecimentos trágicos de 1956 – e visitante de Maputo, edita-se *Um Passado Imprevisível* após *Uma Bondade Perfeita*, Prémio PEN Clube Português – Nove-  
lística, em 2017.

174

Ernesto Rodrigues

Um Passado Imprevisível



Ernesto Rodrigues

# UM PASSADO IMPREVISÍVEL

gradiva romance

Acordar serenamente, sem mágoas do futuro. Como após travessia do Mal e do Bem, tudo resolvido em dez horas pacíficas, fronteira de ciclo não menos enigmático. Alguém olhava por mim – antes, olhara para mim, até me fazer renascer –, o que me responsabilizava para além de mim. No curso da noite, juntara os tecidos da minha vida, dando-lhes coerência e solidez. Recuada, a morte sorria, em cedência à nobreza de quem tardiamente se inaugura. A rua mal bulia; o Sol descansava nas árvores do parque.

Andrea, fresca, tragava demoradamente um sumo de laranja no sofá riscado de luz. À esquerda, caixa de sapatos ordenava a correspondência que eu remetera a outra Andrea, além de um pequeno monte de livros dedicados, o meu ou de amigos, quando tinha veleidades de salvar a literatura pátria. Existíamos numa troca de boas graças, sem lesões, sem atropelos, iguais na banalidade e no conforto. Tínhamos, uns dos outros, reservas de livros, que oferecíamos (era desagradável vender), promovendo a público restrito os raros conhecidos que nos louvavam. E, oferecendo, pesava menos o saco de viagem.